

O SENTIDO, OS SENTIDOS E O SEM-SENTIDO DA VIDA

José Thomaz Brum

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

RESUMO: Na primeira parte deste trabalho, apresento algumas considerações acerca das relações entre sentido único e sentidos diversos da vida, e, na segunda parte, outras considerações acerca das relações entre sentido da vida e morte.

Palavras-chave: Sentido da vida, sentidos da vida, morte.

Gostaria de apresentar algumas considerações – breves e introdutórias – sobre dois aspectos da questão do sentido da vida. O primeiro trata da relação entre o sentido e os sentidos da vida; o segundo, da relação entre a vida e a morte.

Os sentidos da vida, múltiplos, distintos, às vezes hierarquicamente dispostos, relativizam e complexificam a questão de um suposto sentido único da vida. Uma vida hedonista, que tem como propósito exclusivo a busca de prazeres, instala a questão do sentido, da razão de ser da vida, no âmbito da sensibilidade. Uma vida política, ou ético-política, que através de uma causa (humanitária ou estratégica) coloca a finalidade da vida em um projeto histórico e culturalmente determinado, é aquela cujo sentido é um ideal: uma vida pensada, fruto do encontro entre a necessidade histórica momentânea e o valor ético que a impulsiona. Uma vida religiosa, ou movida por uma crença religiosa, pode se gabar de almejar, de buscar alcançar o sentido último da existência: aquele que é objeto de anseios metafísicos e de elãs espirituais.

Refletindo sobre esses sentidos da vida, podemos logo de início observar que só o último (o religioso) busca algo fora da vida, e mesmo superior a esta. Os hedonistas, que se banqueteam em “orgias” sensíveis, e os políticos, que se engajam em causas sustentadas por bens ou “valores” ditados por circunstâncias históricas, permanecem ambos dentro do mundo. O mundo é considerado por eles ora fonte de fruição (aproveitar o deleite das coisas do mundo), ora fonte de imersão na ação (aproveitar o deleite de influir, pelo menos aparentemente, no curso aparente dos acontecimentos).

Os vários sentidos da vida (esquecemos o aspecto moral da vida, mas a presença de um bem moral superior estimula e condiciona os dois últimos sentidos descritos) são postulados como propósitos ou finalidades para o desejo humano: desejo hedonista, desejo ético-político, desejo (ou elã) religioso. Eles correspondem, mais ou menos, à tríade bem-belo-verdadeiro com algumas nuances.¹

Sempre se pode objetar àquele que afirma que a vida humana possui um sentido, um objetivo permanente, que a mera divisão tripartida de sentidos da vida aqui exposta nos indica que, caso o homem tenda para algo não-insensato, ele o fará de formas diversas. O ser que busca um sentido para a sua vida busca-o de forma simultânea em vários níveis (ou graus) de sentido.

Se os graus de sentido ou os vários sentidos da vida nos devolvem uma visão múltipla para a questão do sentido da vida, um olhar cósmico como o de Bertrand Russell (cf. *A free man's worship*) arrasta hedonistas, políticos e religiosos em uma aniquilação vindoura: “Todos os labores das épocas [...] estão destinados à extinção na vasta morte do sistema solar”.

O último grupo, o religioso, que anseia por um encontro face a face com Deus, tem na manga o ás da transcendência possível; ás nunca mostrado, o que não os inquieta, pois já dizia Pascal que o ocultamento de Deus é fundamental (e necessário) para a fé. Se um olhar cósmico voltado para a busca humana de sentido anuncia uma catástrofe universal provável, nada impede que um olhar não-cósmico nos faça mergulhar no âmbito diminuto dos sentidos

particulares da vida: um bom emprego, uma boa refeição, um bom casamento, por exemplo.

Quanto ao aspecto da relação entre a vida e a morte, este incide diretamente na questão de um suposto sentido da vida humana.² Para um pessimista como Schopenhauer, o presente da vida está envenenado pela morte e pelo sofrimento. A metáfora da vida como uma “mercadoria ruim” (§ 59 de *O mundo como vontade e representação*) – metáfora comercial, econômica e contábil como muitas em sua obra – faz do filósofo um perseguidor frustrado da felicidade. No mundo fenomênico, regido pela necessidade da vontade, só há a repetição dos desejos (e o sofrimento que provém de uma insatisfação sempre renovada). Quando o desejo se detém é o tédio. Quando o tédio se detém é novamente o desejo. A morte, quando vier, anulará essa vida angustiante (que vai do sofrimento ao tédio em um movimento pendular).

Matando o fenômeno, diz Schopenhauer, a morte elimina a “queda perpétua na morte” que é a vida humana da vontade. Rasgando o véu da ilusão fenomênica, a morte não nos dá outra vida, mas nos entrega à vida indiferenciada da vontade em si. Enquanto submetidos ao inferno da vontade, na individuação, vivemos uma vida sem sentido, ou “absurda”. Daí as soluções provisórias imaginadas pelo filósofo: o anular-se momentâneo pela contemplação do mundo *sub specie aeternitatis* (experiência estética) e o exercício misterioso de não-egoísmo que é a compaixão (*Mitleid*).

Mas a morte pode ser encarada – paradoxalmente – como o sentido da vida, desta vida mesma. Vladimir Jankélévitch, em seu livro *La mort* (1966), fala do aspecto estimulante da morte: “a morte vital é o que torna apaixonante a vida mortal”.³ O corpo, meio de expressão e fruição para o hedonista, é também – diz Jankélévitch – “fonte das doenças, lugar do sofrimento, princípio da finitude”.⁴ Manejando uma dialética curiosa, ele afirma que “aquele que não morre, não vive”,⁵ enfatizando que “sem a morte a vida não mereceria ser vivida”.⁶ A morte, para Jankélévitch, é o sentido, a

direção, o termo da vida, mas é também aquilo que torna toda vida preciosa, única e inestimável (função transcendental da morte).

Já Ludwig Wittgenstein, no *Tractatus logico-philosophicus* 6.4311 (1921), afirma de modo antidialético: “A morte não é um acontecimento da vida”.⁷ A vida não é uma flecha que escoo para a morte; é um plano imanente que está presente em cada vida particular. Buscar um sentido para a vida fora da vida é, de certa forma, esquecer o dom silencioso da vida. Se viver é sentir-se vivo, estar no meio da vida, possuir o sentimento da vida, estou mergulhado na vida como em um mar permanente, um mar que me permite agir, desejar, pensar qualquer “sentido” (função transcendental da vida). Sob esse ponto de vista, buscar um sentido para a vida equivale a ignorar esse presente silencioso que é o próprio estar em vida ou “estar no meio da vida” (cf. Franz Kafka, *Preparativos de boda no campo*).

Se quando falamos de “sentido da vida” temos em mente um propósito final ou permanente para a vida, o viver é inimigo do sentido da vida. E a idéia schopenhaueriana da vida como uma “tarefa a realizar”⁸ parece esquecer que, para além da vida como labor, existe a eterna presença da vida como dom ou campo de possibilidades para o viver.

ABSTRACT: In this work, I present in the first part some considerations about the relations between the unique sense and the many senses of life; in the second part, other considerations about the relations between sense of life and death are briefly exposed.

Key words: Sense of life, senses of life, death.

Notas

1. Uma vida estética (ou artística) seria, a meu ver, uma mescla de desejo hedonista e de desejo ético. O prazer da forma, e mesmo do informe, se uniria aí a uma vontade de representar um valor ou postura ética.

2. Este aspecto incide porque nos perguntamos: se a morte é o fim da vida, vale a pena viver a vida que acaba, que se extingue necessariamente? Não será a vida sem sentido porque destinada à morte?
3. Cf. Vladimir Jankélévitch. *La mort*. 3. ed. Paris: Flammarion, 1977. p. 450. (Coleção Champs).
4. Ibidem, loc. cit.
5. Ibidem, p. 449.
6. Ibidem, loc. cit.
7. Paul Audi, em seu brilhante *Supériorité de l'éthique* (Paris: PUF, 1999), deu-nos uma bela interpretação dessa passagem do *Tractatus*. A nossa leitura segue a sua.
8. Cf. Arthur Schopenhauer, *Parerga e Paralipomena*, volume II, XII, § 156: “a vida é uma tarefa a realizar, neste sentido *defunctus* [participio de *defungor*, “executar”, “realizar”] é uma bela expressão”.